

**A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO
NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maria Socorro Aparecida Araujo Barbosa (UEMS)
dhelp02@gmail.com

Flávia Martins Malaquias (UEMS)
flavinha_malaquias@yahoo.com.br
Valdinéia Marcondes Vieira (UEMS)
valdineia_vieira@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)
chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre a importância da leitura do texto literário nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental. Quando falamos do aprimoramento da leitura e da formação de leitores, o texto literário se torna um recurso indispensável. A literatura é essencialmente importante na construção do indivíduo em formação, pois através dela, o sujeito pode satisfazer suas necessidades e ainda assumir uma atitude consciente em relação ao mundo. Sendo assim, o artigo aborda questões como a leitura do texto literário na sala de aula e o papel do leitor na formação em sua própria formação. Para fundamentarmos nossos estudos, recorremos aos princípios teóricos de Vilson Leffa, Isabel Solé, Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly, entre outros, além dos conhecimentos práticos de sala de aula. Expusemos também um relato de uma experiência produtiva, utilizando a leitura de uma obra literária nas aulas de língua portuguesa com alunos do 6º ano de uma escola municipal de Campo Grande (MS) no ano de 2014. Ao final desta experiência, pudemos observar que o trabalho desenvolvido, foi de imensa valia, pois contribuiu para aguçar o gosto pelo texto literário, aprimorar a leitura e ajudar os alunos a solucionar suas próprias dificuldades durante a leitura do livro.

Palavras-chave: Leitura. Texto literário. Ensino fundamental. Relato. Experiência.

1. Introdução

A leitura é uma habilidade essencial para a busca de informação e conhecimento. Com ela nos sentimos detentores do saber e, por meio dela, podemos conhecer o mundo. Trata-se de uma atividade complexa que envolve questões que vão além do entendimento semântico das palavras.

Ler exige entendimentos sobre fatores ideológicos, culturais, filosóficos, sociais, que muitas vezes, estão explícitos nos textos, por isso, há que se voltar o olhar para o aprendizado e desenvolvimento da habilidade

da leitura em sala de aula, visto que, em suas relações sociais, os alunos precisam ler o mundo no sentido mais amplo desse conceito.

O aluno consegue ler o mundo e construir seu próprio conhecimento e criticidade a partir de seu repertório de leitura, assim a escola tem um papel relevante no aprimoramento dessa habilidade.

Ao buscar o aperfeiçoamento da leitura e a formação de leitores, a escola tem no texto literário, um recurso indispensável, pois a literatura é essencialmente importante na construção do indivíduo em formação. Através dela, o sujeito pode satisfazer suas necessidades e ainda assumir uma atitude consciente em relação ao mundo.

Deste modo, existem muitos professores comprometidos com o ensino da literatura. Educadores que entendem a importância dos textos literários na construção do intelecto e na formação de leitores procuram incluí-los em seus planejamentos de aula.

Entretanto, a utilização do texto literário, na escola, às vezes, é tímida, pois depende da relação de proximidade que o professor e o aluno têm com os textos. Dessa forma, não usam os literários e acabam desperdiçando o tempo com textos que, muitas vezes, induzem à repetição e alienação; textos que não permitem a reflexão e a criatividade.

Diante dessa realidade, duas perguntas motivaram a produção desta pesquisa:

Por que é importante ler textos literários na sala de aula?

Visto que a leitura é um processo interativo, onde o leitor tem um papel relevante, qual o papel do leitor na formação de leitores?

O artigo, então, busca refletir sobre a importância da leitura do texto literário nas aulas de língua portuguesa e o papel do leitor na formação de leitores, além de relatar uma experiência exitosa com o texto literário, nas aulas de leitura do sexto ano do ensino fundamental, em uma escola municipal de Campo Grande – MS no ano de 2014.

Para fundamentarmos nossos estudos, recorreremos aos princípios teóricos de Wilson Leffa, Isabel Solé, Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, entre outros, além dos conhecimentos práticos de sala de aula.

Destaca-se a importância deste tema, uma vez que o texto literário oportuniza o indivíduo a refletir e a posicionar-se diante de diversas situações da vida, contribui para aguçar o gosto pela obra literária, aprimora

a leitura e ainda auxilia no desenvolvimento da competência discursiva.

Ao final desta experiência, pudemos observar que o trabalho desenvolvido, foi de imensa valia, pois contribuiu para aguçar o gosto pelo texto literário, aprimorar a leitura e ajudar os alunos a solucionar suas próprias dificuldades durante a leitura do livro.

2. A leitura do texto literário na sala de aula

A leitura é uma competência que permanentemente está em construção. Diante das variadas leituras que, dentro da escola ou fora dela, podem ser feitas, observamos o importante papel da literatura na descoberta de saberes e também do mundo, como afirma Held (*apud* VIEIRA, 1989, p. 11):

A literatura tem sido ao longo da história, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e re-criação desse conhecimento. Lidando com o imaginário, trabalhando a emoção, a literatura satisfaz sua necessidade de ficção, de busca de prazer. Conhecimento e prazer fundem-se na literatura, e na arte em geral, impelindo o homem ao equilíbrio psicológico, e “faz reunir as necessidades primordiais da humanidade: a aprendizagem da vida, a busca incessante, a grande aventura humana”.

Segundo Faria (1999, p. 9), “[...] a literatura pode ocupar um lugar primordial na formação escolar”. Ela é importante para o desenvolvimento intelectual do indivíduo e pode servir de apoio para a construção de conhecimento e também crescimento cultural e humano.

Candido (1988, p. 175) também justifica a importância da literatura, dizendo que

[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Nesse sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar.

E diz ainda que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática.

A literatura produz no aluno, o prazer estético, o enriquecimento

linguístico, amplia a sensibilidade, incentiva a criatividade e a reflexão crítica, além de ser fonte de riqueza cultural e instrumento de humanização.

Ou seja, quanto mais o indivíduo tem acesso aos textos literários, mais conhece sobre si mesmo e mais efetivamente participa do meio social em que vive.

Candido (1988) a considera como um direito de todos, pois se entendermos que ninguém pode viver sem a literatura, representada por diferentes criações poéticas, ficcionais e dramáticas, então ela pode ser considerada um direito universal, onde todos precisam ter livre acesso para conhecer e vivenciar a experiência literária.

Assim, a presença de textos literários na escola favorece o crescimento intelectual dos educandos, pois além dos benefícios anteriormente citados, os alunos ainda reconhecerão suas particularidades e singularidades, as quais autenticam seu modo particular de usar a linguagem, como preconiza os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 27): “O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem”.

De acordo com Zilberman (1988, p. 10), “A escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler.” Assim, a escola por sua vez, pode oportunizar atividades significativas com os textos literários ligando-os ao contexto social do aluno.

Como lócus do ensino aprendizagem, a escola é uma agência que oportuniza aos seus educandos, o maior contato possível com os diferentes gêneros, permitindo a construção das competências comunicativas necessárias, que os ajudarão a interagir com o mundo e a criar uma postura crítico-reflexiva diante dos diferentes discursos produzidos.

3. O papel do leitor

Segundo os PCN (1998, p. 69):

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, an-

tecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

A leitura é uma atividade interativa e o papel do leitor neste processo é de construtor. Aquele que se utiliza de estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação para construir o sentido do texto.

Na definição geral de Leffa (1996, p. 10-11), “ler é, na sua essência, olhar uma coisa e ver outra [...] é reconhecer o mundo através de espelhos”, e esses espelhos podem ter diferentes leituras dependendo dos seus observadores, ou seja, do leitor, que é um elemento relevante no processo de leitura.

Porém, é também necessário que se considere o papel do texto e a interação entre o leitor e o texto, pois a complexidade do processo não nos permite avaliar os elementos isoladamente.

Desse modo, ressaltamos a importância do encontro do leitor com o texto, pois para ocorrer uma interação é preciso, além das competências básicas, querer ler. Assim, a intenção do leitor torna-se um fator importante no ato da leitura.

Para ler e compreender o texto é importante ter conhecimentos prévios sobre o que se está lendo. O leitor atribuirá diferentes significados para a sua leitura, de acordo com o seu conhecimento sobre o assunto lido. Segundo Leffa (1996, p. 13): “o conteúdo não se transfere no texto para o leitor, mas antes se reproduz no leitor...” E ainda:

A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor. (LEFFA, 1996, p. 15).

Nessa perspectiva, Leffa (1996, p. 22) completa que “Leitor e texto podem ser representados como duas engrenagens. Quanto melhor o encaixe entre um e outro, melhor a compreensão do texto.” Ou seja, a distância entre o leitor e o texto ditará o grau de interação.

Diante disso, pensando na escola, como um lugar propício para o desenvolvimento da leitura, nos reportamos às palavras de Lajolo (2004, p. 07) quando diz que ler ultrapassa o conhecimento de leitura escolar, uma vez que se constitui em uma habilidade construída a partir da interação do leitor com o mundo:

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

Assim, a formação de um leitor maduro constitui-se pela pelas leituras feitas ao longo de sua vida, as quais contribuirão para o processo de interação e compreensão do texto, mas a escola também participa desse processo de amadurecimento quando cria oportunidades para a leitura, conforme pontua Geraldini (2008, p. 99):

A qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos – enquanto professores – propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós?

Sendo assim, quanto mais momentos para leituras a escola puder oportunizar ao aluno, maior será a contribuição para a formação de leitores, pois aumentando o repertório de leitura, mais conhecimento o leitor terá para interagir com o texto e produzir sentido.

4. Um relato de experiência

Entendendo a importância e a necessidade de incentivar a leitura de textos literários nas aulas de língua portuguesa, propomos então, uma sequência didática com a turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campo Grande – MS, no ano de 2014 que desenvolvesse o gosto pela leitura, o aprimoramento da competência, a reflexão e o contato com o texto literário.

Escolhemos um livro disponível na biblioteca da escola, que atendesse as necessidades de aprendizagem, mas que também despertasse o desejo de ler, pois segundo Leffa (1996) “o leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler”. Acreditamos que para o leitor interagir com o texto e até mesmo ampliar suas leituras, é preciso ter prazer no que se está lendo. Essa posição, também é defendida pelos PCN (1998, p. 71): “Tomando como ponto de partida as obras apreciadas pelo aluno, a escola deve construir pontes entre textos de entretenimento e textos mais complexos estabelecendo as conexões necessárias para ascender a outras formas culturais”.

O livro escolhido foi *Rick e a Girafa*, de Carlos Drummond de Andrade. A obra é uma antologia com 27 contos pequenos e fáceis de ler, que retratam diferentes situações do dia a dia.

Escolhemos o conto “Os pescadores” para relatar a experiência e

apresentar as estratégias utilizadas para a leitura do texto em questão, as quais serviram também para a leitura dos demais contos do livro.

Para iniciar o trabalho, começamos conhecendo o autor e o gênero textual. Os alunos foram para a sala de tecnologias e fizeram uma pesquisa direcionada para conhecer melhor o autor (vida, obra, estilo, curiosidades, o fascínio pelas palavras desde a infância etc.). A turma foi dividida em grupos e a pesquisa resultou em trabalhos que foram apresentados oralmente na sala de aula.

Por ser um texto curto que apresenta histórias do cotidiano, o conto se tornou bem acessível para o nível da turma e esse foi um dos motivos para se trabalhar esse gênero.

Por ser um texto narrativo, ele apresenta algumas especificidades como: narrador, lugar, enredo, personagens, tempo, espaço, tipos de discurso e essas particularidades foram evidenciadas e estudadas durante e após a leitura.

Antes da leitura, servindo de motivação, apresentamos brevemente a obra, falamos o quê seria lido e por que seria lido.

Com o livro nas mãos, começamos a leitura pela capa. Os alunos observaram os recursos visuais e responderam as seguintes perguntas: o que as ilustrações informam sobre o texto? De que modo elas formam ou deformam a compreensão do texto? Por que será que o autor colocou este nome no livro? Sobre o quê ele irá falar? Essas perguntas ajudaram os alunos a levantar hipóteses e também a aguçar o desejo pela leitura do livro.

A leitura ocorreu de maneira colaborativa entre professor e alunos, utilizando uma sugestão didática para formação de leitores, proposta pelos PCN (1998 p. 72): “A leitura colaborativa [...] é uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores [...]”.

Assim, foram possíveis as inferências necessárias tanto do professor como do aluno para a compreensão do texto. Quando foi preciso, ocorreram paradas para recapitular, sanar dúvidas de compreensão e confirmar ou refutar hipóteses nos trechos lidos.

Durante a leitura, os alunos também observaram as ilustrações, relacionando-as com o texto e expondo dificuldades ou compreensões diferentes.

Após a leitura, propusemos estratégias que priorizassem a com-

preensão do texto.

Primeiramente, recapitulamos oralmente a história completa para os alunos compreenderem melhor as atitudes das personagens e identificarem os fatos fundamentais da história.

Fizemos então, os seguintes questionamentos: Por que essa narrativa faz parte do capítulo "Confusões e surpresas"? Há confusões e surpresas no conto? Por qual motivo a narrativa se tornou engraçada?

Depois, ressaltamos a estrutura do texto, o foco narrativo e o discurso direto analisando fragmentos do conto. As quebras de expectativa que geraram humor no conto também foram analisadas.

Para a reflexão, foram discutidos os seguintes pontos: O texto inicia-se com "Domingo pede cachimbo", qual o significado desta expressão para o texto? Quais outras expressões no texto revelam informações importantes para compreender o contexto do conto?

Analisamos a questão da verossimilhança e perguntamos: O fato narrado no conto acontece na vida real? As personagens dão a impressão de existirem verdadeiramente? E a casa e a família de um dos pescadores, existem de verdade? Com esses questionamentos mostramos que o fato narrado assemelha-se à realidade, mas é inventado.

Por fim, discutimos a função dos meios de comunicações, principalmente a TV. Induzimos os alunos a refletir se tudo o que vemos na televisão é realmente verdadeiro. Qual o objetivo do programa citado no conto? Era expor uma realidade ou manipular uma informação? Será que há no texto alguma crítica aos meios de comunicação em massa?

Em toda a leitura, os alunos foram constantemente incitados a avaliar a sua compreensão sobre o texto e conforme eles iam falando sobre suas dificuldades, eram questionados a pensar em qual medida tomar para resolver o problema, pois segundo Leffa (1996): "O leitor deve saber quando está entendendo bem um texto, quando a compreensão está sendo parcial ou quando o texto não faz sentido".

Assim, durante as leituras dos contos procuramos utilizar as seguintes estratégias:

Definir o objetivo de uma determinada leitura [...]; Identificar os segmentos mais ou menos importantes de texto [...]; Distribuir a atenção de modo a se concentrar mais nos segmentos mais importantes [...]; Avaliar a qualidade da compreensão que está sendo obtida da leitura [...]; Determinar se os objetivos de uma determinada leitura estão sendo alcançados [...]; Tomar as medidas

corretivas quando falhas na compreensão são detectadas [...] e Corrigir o rumo da leitura nos momentos de distração, divagações e interrupções [...]. (BROWN, 1980, *apud* LEFFA, 1996, p. 46 e 47).

Essas atividades, defendidas por Brown (1980), auxiliaram o desenvolvimento do trabalho e ajudaram os alunos do 6º ano a compreender melhor o processo de compreensão textual e o papel do leitor no processo de leitura, pois os mesmos participaram das leituras e discussões mostrando-se dispostos a interagir com o texto e a compreender a sua beleza linguística e também estética.

5. Considerações finais

Diante disso, concluímos que o trabalho desenvolvido, foi de imensa valia, pois contribuiu para incentivar o gosto pela leitura do texto literário entre os alunos do 6º ano, aprimorar o processo de leitura e ajudar os alunos a solucionar suas próprias dificuldades durante a leitura dos contos.

Tais contribuições renderão frutos ainda maiores, porque além de aproximar os alunos das belezas contidas nas obras literárias, poderão utilizar as estratégias desenvolvidas, em outras oportunidades de leitura que contribuirão para o processo de formação do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministérios da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

FARIA, M. A. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Por-

to Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1996.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

VIEIRA, A. *O prazer do texto: perspectiva para o ensino de literatura*. São Paulo: EPU, 1989.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.